

A EXPRESSÃO DO PODER MATERNO NA ARTE CONTEMPORÂNEA

Silvana Barbosa Macêdo¹

Resumo: Este trabalho explora as tensões entre feminismo e maternidade na arte contemporânea. O estudo tem como foco o impacto do movimento feminista na produção artística atual sobre maternidade, através da análise do trabalho de artistas brasileiras e estrangeiras, considerando a influência histórica da arte feminista nos EUA e Reino Unido, a partir da década de 1960. Considera-se a intersecção entre maternidade e questões de raça, sexualidade, gênero, classe entre outros aspectos identitários da mãe, observando-se como eles interferem na capacidade das mulheres de exercerem seu poder materno. Através da análise das obras, observa-se a perspectiva feminista que reflete a real experiência feminina da maternidade nos trabalhos das artistas contemporâneas. Além das referências ao trabalho de outras artistas, abordo estas questões na minha própria produção artística no âmbito desta pesquisa. Conclui-se que há uma crescente necessidade de se ampliar os debates feministas sobre maternidade no contexto da produção artística contemporânea, especialmente no Brasil.

Palavras-chave: feminismo. Maternidade/Maternalismo. Arte contemporânea.

Maternalismo e Arte Feminista

Atualmente podemos observar que a mídia ocidental frequentemente apresenta uma imagem de mãe estereotípica, descomplicada e superficial. A imagem dominante da maternidade na mídia é representada como uma condição leve e alegre, onde as mulheres conseguem ter ao mesmo tempo: sucesso profissional, família, e um corpo esguio que corresponda com um padrão de beleza idealizado. Enfim, esta é uma imagem que, na maioria das vezes, não corresponde com a realidade da experiência materna de grande parte das mulheres a nível global.

A artista britânica Eti Wade reflete sobre esta imagem simplificada e otimista da maternidade em sua declaração *Mother Artist Statement*. Wade ressalta que o que falta muitas vezes nestas formas dominantes de representação, são aspectos conflituosos da maternidade, como a “perda da independência financeira, perda do espaço e tempo individual, perda de status e extremas restrições

¹ Professora do Departamento de Artes Visuais do Estado de Santa Catarina, e Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, PPGAV/UDESC, Florianópolis, Brasil.

de liberdade além das mudanças no corpo; muitas vezes cicatrizes irreparáveis e traumas físicos.”² (WADE, 2013).

À lista de problemas citados por Eti Wade, podemos acrescentar uma grade lista de outros desafios enfrentados por mães ao redor do mundo, como pobreza, desnutrição, guerras e problemas migratórios, abusos, violência em diferentes níveis, além de preconceitos raciais, étnicos, religiosos e homofobia. Artistas, entre outras profissionais pesquisando a questão da maternidade, têm explorado a experiência materna com maior profundidade que a rasa imagem da mãe contemporânea veiculada pela mídia, abrangendo tanto suas dores como seus prazeres, e contribuindo para a construção de novas concepções de maternidade. Percebo que no campo das artes visuais podemos encontrar uma área crescente de investigação crítica sobre as complexidades que envolvem o papel parental, especialmente o lugar da mãe.

Desde a década de 1960 pode-se observar um número modesto, inicialmente, mas que vem se tornando significativo, de artistas que decidiram explorar a experiência materna em seus trabalhos artísticos, especialmente trazendo a público os conflitos políticos da vida doméstica enfrentado pelas mães de diversos segmentos sociais. Com a marcante força do movimento feminista nas décadas de 1960 e 70, falar de maternidade dentro do movimento era delicado, pois as mulheres estavam buscando romper com o papel tradicional da mulher como mãe e esposa no discurso patriarcal. A liberação sexual das mulheres, a luta pela igualdade de direitos sociais e políticos, enfim, haviam muitos tópicos na agenda feminista daquele momento em que a maternidade parecia um assunto pouco adequado para algumas artistas feministas.

A historiadora da arte feminista Andrea Liss em seu livro *Feminist Art and the Maternal*, (Liss, 2009) examina as tensões entre feminismo e maternidade na arte. Liss analisa em cada capítulo diferentes aspectos da maternidade através do trabalho de artistas feministas historicamente relevantes no contexto americano e britânico. Neste livro, Liss cita o importante artigo da crítica de arte americana Lucy Lippard intitulado “*The Pains and Pleasures of Rebirth*” (Lippard, 1976), no qual Lippard observa que a presença de obras de arte por artistas mulheres abordando o tema materno na década de 1970, foi muito pouco expressiva. Lippard e Liss argumentam que a maternidade e o trabalho feminino no âmbito doméstico parece ter se tornado quase um tabu

² “the loss of identity, loss of financial independence, loss of personal space and time, loss of status and extreme restrictions of freedom in addition to the changes in the body; often irreparable scars and physical trauma. Going through these changes, learning to accept what is lost and discovering the joys of the maternal role is a gradual process.” (minha tradução) Disponível em: < <http://www.etiwade.com/> >. Acesso em 17/06/17.

cultural, e mencionam em suas pesquisas, o pioneiro trabalho do coletivo de artistas *Mother Art* que se formou em 1973, em Los Angeles, com o objetivo de levantar questões relativas à maternidade dentro do movimento artístico feminista.

Suzanne Siegel, integrante do coletivo *Mother Art*, fala das tensões entre o movimento feminista e a questão da maternidade naquele momento: “Apesar de parecer estranho hoje em dia, no início do Movimento de Mulheres, no começo da década de setenta, algumas feministas no *Woman’s Building* consideravam que ser uma artista séria e ser mãe era um conflito”.³

As artistas que fundaram o coletivo *Mother Art* trabalhavam no *Woman’s Building* (1973-1991) que foi uma organização sem fins lucrativos fundada por feministas, com o objetivo de criar um espaço experimental para promoção da formação e produção artística de mulheres fora das instituições artísticas tradicionais.⁴ *Mother Art* começou então como um grupo de artistas mães que se uniu para confrontar a rejeição da maternidade naquele contexto, e realizaram séries de performances em que abordaram explicitamente tarefas domésticas e maternas. Entre as mais conhecidas, estão as performances intituladas *Laundry Works* (1977), que consistiram de performances site-específicas em lavanderias de Los Angeles, onde as artistas expunham seus trabalhos e poesias em varais e discutiam política com as mulheres que estavam na lavanderia. As performances tinham a duração de um ciclo completo de lavagem.

Mother Art produziu entre 1978-9 as performances *Mother Art Cleans Up City Hall* e *Mother Art Cleans Up the Banks*. Nestas intervenções urbanas, as artistas traziam os valores de cuidados domésticos para o espaço público, simbolicamente limpando a corrupção e o desperdício do dinheiro público naquelas determinadas instituições.

Nesta mesma corrente podemos destacar o trabalho da artista Mierle Laderman Ukeles, que realizou

³ “Although it seems strange today, at the beginning of the Women’s Movement in the early seventies some feminists at the *Woman’s Building* considered being both a serious artist and mother to be in conflict.” (minha tradução) Disponível em: < <https://motherart.org/about/> >. Acesso em 15/06/2017. Para visualizar imagens dos projetos do coletivo *Mother Art*, por favor, confira neste site, que apresenta documentação das ações acima mencionadas.

³ Disponível em: < <https://www.laconservancy.org/locations/womans-building> > . Acesso em 15/06/2017.

⁴ A artista Judy Chicago, a historiadora da arte Arlene Raven, e a designer gráfica Sheila Levrant de Bretteville se uniram em 1973 para criar uma escola de arte independente para mulheres chamada *Feminist Studio Workshop* (FSW). As estudantes desta escola começaram a chamar o prédio de *Woman’s Building*, que além de abrigar a FSW, também foi sede de outros grupos feministas, incluindo *Mother Art*, *National Organization for Women* (NOW) e a primeira *Sisterhood Bookstore*. Disponível em: < <https://www.laconservancy.org/locations/womans-building> >. Acesso em 15/06/2017.

importantes performances em New York sobre questões ambientais e também feministas com seus projetos de *Maintenance Art*, durante as décadas de 1960 e 70. Em 1969 Ukeles escreveu seu famoso *Manifesto para a Arte de Manutenção*, no qual propõe o rompimento dos limites entre a sua vida cotidiana como mulher e mãe e seu papel como artista. Seu trabalho é baseado em intervenções diretas no contexto social e urbano.⁵

No Reino Unido no final da década de 1970 também surgem alguns trabalhos historicamente importantes sobre a experiência materna, como *Ten Months* (1977-79) de Susan Hiller. Trata-se de uma instalação fotográfica com texto, em que Hiller registra tanto as mudanças no seu corpo quanto estados psicológicos durante a gravidez. A cada dia a artista se fotografava, registrando o crescimento da sua barriga, e escrevia um diário. A instalação resultante consiste de dez imagens que são fotografias-*composite*, sendo que cada imagem é composta de 28 fotografias correspondendo a 28 dias (relação com ciclo lunar) e mostram o mesmo enquadramento de *close-up* da barriga gestante.⁶ Observa-se nesta abordagem uma clara influência da arte conceitual tanto pelo uso do texto quanto pela estética mais econômica, menos sensual das fotografias em preto e branco, o serialismo da montagem e distanciamento emocional. A historiadora da arte Andrea Liss fala desta atitude estética como uma estratégia feminista do período:

Certamente, a abstração parecida com a lua, do corpo materno criada pelo close-up fotográfico é quase irreconhecível como registro do desenvolvimento da sua barriga grávida. Esta estratégia de distanciamento era parte de uma estratégia cultural mais ampla daquele período em que era absolutamente necessário para artistas feministas evitarem qualquer imagem que poderia codificar seu trabalho, especialmente aqueles que lidavam com qualquer coisa feminina – maternidade sendo a mais desprezada – como “sentimental”.⁷ (LISS, 2009, p.13)

Outro trabalho sobre maternidade realizado no Reino Unido, que foi decididamente o trabalho mais marcante da década, foi o seminal *Post-Partum Document* de Mary Kelly, produzido em Londres entre 1973 e 1978, e publicado em forma de livro em 1983. Neste trabalho Kelly documentou sua relação diária com seu filho durante um período de cinco anos (1973-1978). Esta é a obra mais

⁵ Visualize imagens dos trabalhos de *Maintenance Art* de Ukeles (1969-80) através do link, disponível em: <<http://www.ima.org.au/mierle-laderman-ukeles-maintenance-art-works-1969-1980/>>. Acesso em 14/06/2017.

⁶ Para visualizar imagens desta instalação visite o site de Susan Hiller, disponível em: <http://www.susanhiller.org/otherworks/ten_months_more.html>. Acesso em 14/06/2017.

⁷ *Indeed, the lunarlike abstraction of the mother's body created by the close-up photographs is barely legible as her developing, pregnant belly. This distancing strategy was part of a larger cultural strategy of the period in which it was absolutely necessary for feminist artists to avoid any imagery that would code their art, especially work that dealt with anything female – motherhood being the most debased – as “sentimental.”* Minha tradução. (LISS, 2009, p. 13)

célebre de Mary Kelly, que gerou prolíficos escritos e debates feministas, e formam uma base importante para a discussão sobre a maternidade na arte até hoje.

Tanto os trabalhos de Mary Kelly quanto os de Susan Hiller, foram recebidos pela crítica como obras conceituais, alinhadas com o feminismo cultural, que na década de 1980 passou a (des)considerar o trabalho das artistas do início da década de 1970 como essencialista. Mas Mary Kelly argumenta que para ela a divisão entre essencialismo e construcionismo não era tão clara na época. Enquanto ela trabalhava em Londres no *Post-Partum Document*, outras artistas americanas estavam na Califórnia desenvolvendo seus projetos: “Estávamos trabalhando de formas diferentes naquilo que pensávamos ser o mesmo projeto. ‘Mulheres do Mundo Unidas’ era o lema que prevalecia. Havia uma atmosfera política diferente nos anos 1970 que não se aplicava nos anos 1980”⁸ (Kelly, 2005, p. 398). Mary Kelly observa que mesmo tendo sido parte da primeira geração de artistas feministas, seu trabalho foi alinhado com o da segunda geração de artistas feministas, que era associada ao feminismo cultural.

Ao estruturar seu trabalho a partir da gravidez e a relação com seu filho, Kelly evitou uso da sua imagem e da criança. Buscou na psicanálise conceitos teóricos para criar uma distância crítica na construção do trabalho.⁹ Em Documentação I: Manchas fecais analisadas e tabelas de alimentação (fase do desmame), Kelly registra meticulosamente tudo que o bebê come, anotando a hora exata e data que alimenta seu filho e depois analisa sistematicamente suas fezes, durante o período de 3 meses, na fase de desmame. Na montagem da instalação, Kelly usa as fraldas sujas do bebê como suporte e insere o texto dos registros que reuniu. Esta instalação reflete bem a ansiedade da mãe na fase de desmame, e sua preocupação quase obsessiva muitas vezes envolvida no cuidado materno do primeiro filho. Em cada parte do trabalho, Kelly reflete sobre a experiência subjetiva de estar no lugar de mãe em relação aos diferentes estágios de desenvolvimento do seu filho. Na introdução ela escreve:

⁸ “We were working in different ways on what we thought was the same project. ‘Women of the World Unite’ was the slogan that prevailed. There was a different political atmosphere in the 1970s, which didn’t apply to the moment when you and I met in the 1980s.” Minha tradução. (KELLY, 2005, p. 398)

⁹ *Post-Partum Document* é estruturado da seguinte forma: Introdução, Documentação I: Manchas fecais analisadas e tabelas de alimentação (fase do desmame); Documentação II: análise de palavras e eventos de fala relacionados; Documentação III: Marcas analisadas e perspectiva esquemática de diário; Documentação IV: Objetos transicionais, diário e diagrama; Documentação V Especimens classificados, diagramas proporcionais, tabelas estatísticas, pesquisa e index; Documentação VI: Alfabeto pré-escrita, exergo e diário. Acesse o link para visualizar imagens do Post-Partum Document, disponível em: < http://www.marykellyartist.com/post_partum_document.html>. Acesso em 24/07/2017.

Em *Post-Partum Document* estou tentando mostrar a reciprocidade do processo de socialização nos primeiros anos de vida. Não é só a criança cuja futura personalidade é formada neste crucial momento, mas também a mãe cuja “psicologia feminina” é selada pela divisão sexual do trabalho de cuidar do filho.¹⁰ (KELLY, 1983, p.I)

A perspectiva do feminismo construcionista da década de 1980, ao qual Mary Kelly, Susan Hiller, junto com as teóricas Laura Mulvey e a historiadora Griselda Pollock estão associadas, se posicionou de maneira duramente crítica às performances feministas da década de 1960 e início da década de 1970, que são identificadas pelas historiadoras da arte como a primeira geração de artistas feministas. De acordo com Helena Reckitt e Peggy Phelan, a segunda geração de artistas feministas do final da década de 1970 e dos anos 1980, que estavam alinhadas ao construcionismo pós-estruturalista, psicanálise e teoria subalterna, criticaram a celebração do “feminino”, a ênfase na experiência pessoal e consideraram o uso do seus corpos pelas mulheres artistas em suas performances nas décadas anteriores, como uma continuidade da reificação do corpo feminino alinhado com a ideologia patriarcal que elas queriam desafiar. (Reckitt, Phelan, 2012, p. 11)

Entretanto, segundo estas historiadoras, nos anos 1990 uma terceira geração de artistas mulheres redescobrem o trabalho das feministas das décadas de 1960 e 1970. Elas buscam recuperar o radicalismo político característico daquela primeira geração, com todo vigor e prazer nas imagens e materiais que articulavam a experiência subjetiva de forma direta e pungente. Segundo Reckitt, esta tendência foi também uma reação ao trabalho das artistas dos anos 1980:

Esse “retorno” pode ser visto como uma reação contra o trabalho de influentes artistas dos anos 1980 como Mary Kelly, Barbara Kruger e Sherrie Levine. Estas artistas que, entre outras coisas, criticaram a tendência falocêntrica das tradições figurativas e gestuais, e expuseram os interesses masculinos nas representações do corpo feminino, agora eram criticadas pelo seu didatismo e comedimento emocional.¹¹ (Reckitt, 2001, 2012p. 11.)

Há portanto uma recuperação do ativismo político, protesto contra a opressão e marginalização das mulheres, articulando estas questões com experiências pessoais vivenciadas em locais e tempo específicos. Esta tendência continua sendo refletida em muitos trabalhos de artistas

¹⁰ “*IN THE POST-PARTUM DOCUMENT, I AM TRYING TO SHOW THE RECIPROCITY OF THE PROCESS OF SOCIALISATION IN THE FIRST FEW YEARS OF LIFE. IT IS NOT ONLY THE INFANT WHOSE FUTURE PERSONALITY IS FORMED AT THIS CRUCIAL MOMENT, BUT ALSO THE MOTHER WHOSE ‘FEMININE PSYCHOLOGY’ IS SEALED BY THE SEXUAL DIVISION OF LABOUR IN CHILDCARE.*” Minha tradução. (KELLY, 1983, p. I)

¹¹ “*This ‘return’ can also be seen as a reaction against the work of artists influential in the 1980s, such as Mary Kelly, Barbara Kruger and Sherrie Levine. ‘1980’s artists who, among other things, critiqued phallogocentric bias within figurative and gestural traditions, and exposed masculine investments in representations of the female body, were now criticized for their didacticism and emotional restraint.*” (RECKITT, 2001, 2012, p. 11.)

contemporâneas, especialmente no trabalho de performers e fotógrafas vão explorar aspectos da subjetividade materna alinhados com debates feministas interseccionais.

Recentemente observa-se um crescente interesse na temática da maternidade, observado através algumas exposições importantes no cenário internacional como: *Maternal Metaphors* (2004), *Home Truths* (2013), *New Maternalisms* (Toronto 2012, Chile, 2014) *New Maternalisms: Redux* (Alberta, 2016), entre outros eventos, publicações e conferências.¹² Esta produção artística em torno da questão materna reflete também os debates relativos ao tema da maternidade no feminismo fora do contexto artístico.

O Poder Materno

Como percebe-se no meio artístico, a relação do feminismo com a maternidade foi muitas vezes conflituosa e ambígua, pois mesmo havendo uma profunda crítica da maternidade por algumas autoras feministas, por outro lado encontramos uma grande celebração da experiência materna por outras autoras. A argumentação crítica contra a maternidade considera a mesma como uma fonte de opressão e controle da mulher, pois com ela vem o isolamento doméstico e a exclusão do mercado assalariado e perda de oportunidades de crescimento profissional. A ideologia da “boa mãe”, como afirma Amber Kinser, se baseia em interesses de dominação masculina, do capitalismo, do poder religioso, homofobia e racismo (KINSER, 2010, p.2).

Na corrente feminista em que a maternidade é exaltada, as autoras argumentam que a maternidade pode ser uma importante fonte de poder para as mulheres. Na década de 1970, escritoras feministas como Jessie Bernard e Adrienne Rich fizeram distinções importantes entre a instituição patriarcal da maternidade (*motherhood*) e a real experiência feminina da maternar (*mothering*). Na língua inglesa, portanto foi feita esta distinção entre os termos maternidade (*motherhood*) e maternalismo (*mothering*), sendo que o primeiro é considerado nos debates feministas um termo profundamente

¹² *Home Truths* foi uma mostra fotográfica itinerante sobre maternidade com curadoria de Susan Bright, na Photographers Gallery, Londres, 2013-14, e Museum of Contemporary Photography, Chicago, EUA, 2014, e Belfast Exposed Photography, Belfast, 2014. Para maiores informações e imagens das exposições e eventos associados à *Maternal Metaphors*, acesse o site, disponível em < <http://www.myrelchernick.com/maternalmetaphors/index.html>>. Acesso em 22/06/2017. Informações e imagens dos trabalhos associados ao projeto *New Maternalisms* podem ser obtidas pelos links, disponíveis em: <https://www.academia.edu/1476734/New_Maternalisms_Booklet>. Acesso em 22/06/2017.

carregado de ideologia patriarcal, enquanto que o segundo passou a ser considerado o termo mais usado no discurso e práticas feministas como um contra-discurso que resiste ao sentido do primeiro.

De acordo com Andrea O'Reilly, a teoria feminista do maternalismo inicia com o reconhecimento de que tanto as mães quanto os filhos se beneficiam quando a mãe vive sua vida e age a partir de uma posição de poder, agenciamento, autoridade e autonomia (O'Reilly, 2008, p. 11). Portanto, em muitos debates feministas a maternidade deixou de ser necessariamente considerada uma experiência opressiva, mas passou-se a explorar as condições e estruturas sócio-econômicas que interferem na capacidade das mulheres de exercerem seu poder materno. Como ressalta Kinser, nesta abordagem vamos além da simples questão de que perguntamos se a mulher tem ou não poder de decisão (*agency*), pois entende-se que sim, mas a questão importante reside em examinar uma imagem mais complexa do poder materno (KINSER, 2010, p.7).

Ao longo das décadas, nossa concepção de família e maternidade mudou, hoje estamos mais conscientes como sociedade de que o núcleo familiar se compõe de uma diversidade de formas familiares. Portanto, nas discussões feministas atuais sobre maternidade ou maternalismo, a agenda se ampliou para considerar a intersecção entre maternidade e questões de raça, sexualidade, gênero, classe entre outros aspectos identitários da mãe, considerando também como as mulheres vivem globalmente, adquirindo portanto, um caráter politicamente mais inclusivo.

Tendo em vista a ampliação do debate sobre diferentes formas de maternidade, tanto nos círculos feministas quanto na sociedade em geral, o tabu contra a maternidade enquanto tema parece ter sido quebrado também no contexto das artes visuais. A expressão do poder materno na arte contemporânea está necessariamente ligada à ideia de interseccionalidade, como vemos no trabalho da artista americana LaToya Ruby Fraizer em que as questões de gênero e autobiográficas, estão diretamente relacionadas às questões raciais e sócio econômicas.

LaToya Ruby Frazier é uma artista afro-americana, que realizou um incrível livro intitulado *Notion of Family* que reúne autorretratos com sua família em sua cidade natal, Braddock, Pennsylvania. Neste livro, Frazier explora a relação íntima com sua mãe e sua avó, Grandma Ruby (1925-2009), refletindo também problemas como o racismo e injustiça econômica que enfrentam no contexto americano, mais especificamente na cidade em que vivem.¹³ A relação filial nesta linhagem de

¹³ Segundo Maurice Berger, Braddock sofreu um grande declínio econômico nas décadas de 1970-80 como resultado do colapso da indústria siderúrgica na região, que causou um estado de crônico desemprego e degradação ambiental.

mulheres é também outra perspectiva que interessa ao meu estudo sobre maternidade. O trabalho de Frazier reflete bem sobre estas questões interseccionais, evidenciando como as relações pessoais estão intimamente ligadas ao contexto em que as famílias se inserem na sociedade. Ao conceder uma entrevista ao New York Times em 2014, Frazier afirmou que,

Nós precisamos de histórias longas e consistentes que reflitam e revelem onde os preconceitos e pontos cegos estão e continuam a existir nesta cultura e sociedade... Esta é uma questão de raça e classe que está afetando todo mundo. Não é um problema dos negros, é um problema americano, e um problema global. Braddock está em todo lugar.”¹⁴

Enquanto que para LaToya Ruby Frazier as imagens da sua vida privada estão relacionadas à histórica injustiça racial nos EUA, a artista de nacionalidade mista (algeriana, francesa e britânica) Zineb Sedira, explora a temática das relações familiares, especialmente maternas, em intersecção com questões linguísticas, de memória e colonialismo. Sua vídeo instalação intitulada *Mother Tongue* (Língua Materna) apresenta imagens de depoimentos de três gerações da sua família: sua mãe, a própria artista, e sua filha, cada uma falando sua língua materna – árabe, francês e inglês. A instalação revela como as diferenças e conflitos culturais entre elas refletem complexos problemas políticos e históricos.¹⁵

Esta relação entre mães e filhas também é conteúdo da série fotográfica *Devastação* (2013-16) da artista mineira Paula Huven. A série retrata o olhar entre mães e filhas captado através de um espelho transparente, atrás do qual se posiciona a artista e sua câmera. O título da série é explicado pela artista como: “um conceito laciano sobre a separação dolorida que a filha deve realizar em relação à mãe. Ela precisa se separar deste primeiro objeto de amor a fim de se constituir como mulher”.¹⁶ O uso literal do espelho na metodologia usada por Paula Huven, reflete, portanto, o

Segundo ele, as tentativas de regeneração urbana tiveram como consequência a marginalização dos residentes afro-americanos. Disponível em: < <https://lens.blogs.nytimes.com/2014/10/14/latoya-ruby-fraziers-notion-of-family/> >. Acesso em: 24/06/2017. Imagens do livro podem ser visualizadas na página do site Apertura. Disponível em: < <http://aperture.org/shop/frazier-notion-of-family-pb> >. Acesso em 22/06/2017.

¹⁴ “We need longer sustained stories that reflect and tell us where the prejudices and blind spots are and continue to be in this culture and society...This is a race and class issue that is affecting everyone. It is not a black problem, it is an American problem, it is a global problem. Braddock is everywhere.” Minha tradução. Disponível em: < <https://lens.blogs.nytimes.com/2014/10/14/latoya-ruby-fraziers-notion-of-family/> >. Acesso em: 24/06/2017.

¹⁵ Imagens da instalação *Mother Tongue*, entre outros trabalhos de Sedira, podem ser visualizados no site oficial da artista. Disponível em: < <http://zinebsedira.com/?q=video/mother-tongue-2002> >. Acesso em 26/06/17.

¹⁶ Afirmação publicada no artigo intitulado “Paula Huven aborda a subjetividade feminina em ‘Devastação’”, de Mariana Lage, em 16/05/14, no Magazine “O Tempo”. Imagens deste projeto podem ser visualizadas neste artigo. Disponível

conceito psicanalítico da fase do espelho formulada por Lacan. Nesta profunda relação afetiva de identificações e conflitos, surge a imagem de mulher na estrutura psíquica da filha.



Ilustrações 1, 2 e 3 são retratos da série *Nó Materno*, de Silvana Macêdo, Fotografia digital, 2013-17.

Na série de retratos *Nó Materno*, também investigo o relacionamento entre mães e filhas, mas foquei num momento específico desta relação, em que a filha também ocupa o lugar de mãe. O título desta série é homônimo ao clássico livro da escritora feminista Jane Lazarre, 1976, no qual a autora explora os sentimentos ambivalentes da experiência materna. Meu interesse foi o de investigar as possíveis mudanças no relacionamento entre mães e filhas, quando as filhas passam pela experiência da maternidade. Através dos gestos, expressões e olhares entre as retratadas, tento captar algo de genuíno do relacionamento entre elas, que possa emergir do inevitável constrangimento de estarem em um estúdio fotográfico em frente a uma câmera. A instrução dada aos duos é o de evitarem olhar para a câmera, e conversarem sobre o momento atual do seu relacionamento. A ideia de fotografar outras mulheres com suas mães, partiu de um desejo de ter tido esta experiência, pois minha mãe faleceu antes de eu me tornar mãe.¹⁷

Considerações finais

Os debates recentes feministas oferecem uma base importante a partir da qual muitas mulheres artistas puderam articular sua experiência materna em seus trabalhos que refletem a rica diversidade de maternalismos na sociedade contemporânea. Em especial, a noção de interseccionalidade proporciona uma perspectiva que possibilita a teorização de práticas artísticas que investigam questões maternas em relação com uma multiplicidade de fatores, tanto subjetivos como contextuais. Ao aproximar as discussões feministas e a produção artística contemporânea que se concentra na experiência materna, bem como minha própria produção artística, busquei contribuir

em: <<http://www.otempo.com.br/divers%C3%A3o/magazine/paula-huven-aborda-a-subjetividade-feminina-em-devasta%C3%A7%C3%A3o-1.846461>>. Acesso em 25/06/17.

¹⁷ Fotografias desta série farão parte da Mostra de Fotografia, do Seminário Internacional Fazendo Gênero 11.

com a ampliação deste importante debate para a sociedade. Neste estudo a experiência subjetiva e autobiográfica vem necessariamente acompanhada de uma reflexão teórica, estética e política da complexidade que envolve a experiência e o exercício do poder materno.

Acredito que haja necessidade de se ampliar os debates feministas sobre maternidade no contexto da produção artística contemporânea, especialmente no Brasil. Percebo que no Brasil, estas discussões partem mais dos interesses e pesquisas de docentes do que do conteúdo curricular dos cursos de artes visuais, por isso sou a favor da inclusão deste conteúdo na formação acadêmica de bacharéis e licenciados em artes visuais.

The Expression of Maternal Power in Contemporary Art

Abstract: This article explores tensions between feminism and motherhood in contemporary art. This study focuses on the impact of the feminist movement in current artistic production exploring the theme of motherhood, through the analysis of artworks by Brazilian and foreign artists, also considering the historical influence of feminist art in USA and UK, from 1960s onwards. It is taken in consideration the intersection between mothering and issues of race, sexuality, gender, class and other identity aspects of the mother, observing how they interfere in the capacity of women to act based of their maternal power. Through analysis of artworks, it is possible to identify the feminist perspective, which reflects the real experience of mothering in the work by contemporary women artists. I also explore these issues within my own artistic production as part of this research. In conclusion, it seems that there is a growing need to widen feminist debates on motherhood/mothering in the context of artistic production, especially in Brasil.

Key words: Feminism. Motherhood/Mothering. Contemporary Art.

Referências

DAVEY, M. *Mother Reader: Essential Writings on Motherhood*. New York, London, Toronto, Sydney: Seven Stories Press, 2001.

KELLY, M. *Post-Partum Document*. University of California Press, 1999.

_____. Mary Kelly in Conversation with Douglas Crimp. In ACCONCI, V. et al. *PressPLAY: contemporary artists in conversation*. London, New York: Phaidon Press Ltd, 2005.

KINSER, A. E. *Motherhood and Feminism*. Berkeley, California: Seal Press, 2010.

LIPPARD, L. *The Pink Glass Swan, Select essays on Feminist Art*. The New Press, 1995.

LISS, A. *Feminist Art and the Maternal*. University of Minnesota Press, 2009.

_____, CHERNICK M.; KLEIN J.; HALL R.; DAVEY M.; VANMEENAN K. *Maternal Metaphors*. Aardvark Global Publishing Company, 2004.

O'REILLY, A. *Feminist Mothering*. Albany, New York: State University of New York Press, 2008.

PARKER, R. *Torn in Two: Maternal Ambivalence*. Virago Press, 2005.

RECKITT, H. and PHELAN, P. *Art and Feminism*. New York: Phaidon, 2001, 2012.

RICH, A. *Of Woman Born: motherhood as experience and institution*. New York and London: W.W. Norton & Company, 1986, 1995.

Websites acessadas:

BERGER, Maurice Berger. *Notion of Family*. Disponível em: <<https://lens.blogs.nytimes.com/2014/10/14/latoya-ruby-fraziers-notion-of-family/>>. Acesso em: 24/06/2017.

HILLER, Susan. site oficial da artista britânica de Susan Hiller. Disponível em: <http://www.susanhiller.org/otherworks/ten_months_more.html>. Acesso em 14/06/2017.

IMA Brisbane. Exposição “Mierle Laderman Ukeles: Maintenance Art Works 1969–1980”, em 2014, Curadoria de Krist Gruijthuisen. Disponível em: <<http://www.ima.org.au/mierle-laderman-ukeles-maintenance-art-works-1969-1980/>>. Acesso em 14/06/2017.

KELLY, Mary. Site oficial da artista. Disponível em: <http://www.marykellyartist.com/post_partum_document.html>. Acesso em 24/07/2017.

LAGE, Mariana. “Paula Huven aborda a subjetividade feminina em 'Devastação'”, Magazine “O Tempo”, 16/05/14. Disponível em: <<http://www.otempo.com.br/divers%C3%A3o/magazine/paula-huven-aborda-a-subjetividade-feminina-em-devasta%C3%A7%C3%A3o-1.846461>>. Acesso em 25/06/17.

Maternal Metaphors, site oficial. Disponível em: <<http://www.myrelchernick.com/maternalmetaphors/index.html>>. Acesso em 22/06/2017.

Mother Art website. Disponível em: <<https://motherart.org/about/>>. Acesso em 15/06/2017.

New Maternalisms dossier do projeto. Disponível em: <https://www.academia.edu/1476734/New_Maternalisms_Booklet>. Acesso em 22/06/2017.

SEDIRA, Zineb. Site oficial da artista. Disponível em: <<http://zinebsedira.com/?q=video/mother-tongue-2002>>. Acesso em 26/06/17.

WADE, Eti. Site oficial da artista. Disponível em: <<http://www.etiwade.com/>>. Acesso em 17/06/17.

Woman’s Building website. Disponível em: <<https://www.laconservancy.org/locations/womans-building>>. Acesso em: 15/06/2017.

The Expression of Maternal Power in Contemporary Art

Abstract: This article explores tensions between feminism and motherhood in contemporary art. This study focuses on the impact of the feminist movement in current artistic production exploring the theme of motherhood, through the analysis of artworks by Brazilian and foreign artists, also considering the historical influence of feminist art in USA and UK, from 1960s onwards. It is taken in consideration the intersection between mothering and issues of race, sexuality, gender, class and other identity aspects of the mother, observing how they interfere in the capacity of women to act based of their maternal power. Through analysis of artworks, it is possible to identify important distinctions between a patriarchal perspective on motherhood, in the traditional imagery of madona by Art History Old Masters; and the feminist perspective, which reflects the real experience of mothering in the work by contemporary women artists. I also explore these issues within my own artistic production as part of this research. In conclusion, it seems that there is a growing need to widen feminist debates on motherhood/mothering in the context of artistic production, especially in Brasil.

Keywords: feminism, motherhood, contemporary art.